

# O RECÔNCAVO DA BAHIA E SUA PRODUÇÃO ARTESANAL: O CASO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GIRAL GRANDE

Marcelo Geraldo Teixeira<sup>1</sup>

**Resumo:** O Recôncavo da Bahia apresenta várias expressões culturais dentre elas o artesanato tradicional, que assume um papel não somente econômico, mas principalmente cultural. E as comunidades quilombolas do local contribuem ativamente com esse mosaico. Este artigo tem como objetivo apresentar e analisar, como estudo de caso, o artesanato de retalhos de tecidos da Comunidade Quilombola Giral Grande. Para isso foram aplicadas as técnicas de observação não estruturada, entrevistas semi-estruturadas e levantamento fotográfico. O artesanato se revelou como uma atividade importante na expressão da identidade local.

**Palavras-chave:** Recôncavo da Bahia, Artesanato, Comunidades Quilombolas.

## INTRODUÇÃO

No contexto contemporâneo do Recôncavo da Bahia, o artesanato ocupa um importante papel não somente na economia, mas também na cultura local. É uma expressão de caráter eminentemente tradicional, reunindo a produção de comunidades que, em função das características naturais e culturais das áreas que ocupam, produzem objetos de diversas categorias.

O Recôncavo é uma região identificada geograficamente por rodear a baía de Todos os Santos e que, ao longo da sua história, teve como característica a produção agromercantil voltada para a exportação e por sua posição subsidiária à cidade do Salvador, resultando na permanência de uma feição eminentemente rural, apesar da existência de vilas, distritos e cidades ali registradas. Possui uma identidade marcada pela diversidade e tradição cultural, que se apresenta em diversas expressões, tais como a arquitetura urbana e a religiosa; o patrimônio imaterial marcado pela religiosidade, músicas e danças de caráter afrobrasileira e pelas formas de comunicação oral que caracterizam os diferentes territórios onde acontecem. O artesanato ocupa um lugar relevante na cultura material e imaterial do Recôncavo, constituindo-se elemento não só de subsistência, mas também de identificação comunitária. Dentre as atividades artesanais presentes no Recôncavo

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Design Industrial pela UNEB (1995), Mestrado em Tecnologias Ambientais no Processo Produtivo (2005) e Doutorado em Engenharia Industrial (2012), ambos pela UFBA. Professor de Design há 11 anos, leciona atualmente na Faculdade DeVry Brasil | Ruy Barbosa e na UNEB.

destaca-se a produzida por comunidades quilombolas, e, dentre elas, a Comunidade Quilombola de Giral Grande.

A Comunidade Quilombola de Giral Grande, designação do local dada por seus próprios habitantes, localizada na área rural do município de Maragojipe, município do Recôncavo, pertence a um aglomerado de pelo menos dez outras comunidades quilombolas registradas na região, sobrevivendo do comércio de produtos da agricultura de subsistência, pesca e artesanato, dentre os quais se destaca o da produção artesanal de vestuários e acessórios feitos com retalhos de tecido. Embora o aproveitamento de retalhos de tecidos não se inscreva entre os mais prestigiados na produção artesanal do Recôncavo, ele se constitui como uma expressão de identidade e como atividade econômica de subsistência para comunidades tradicionais locais.

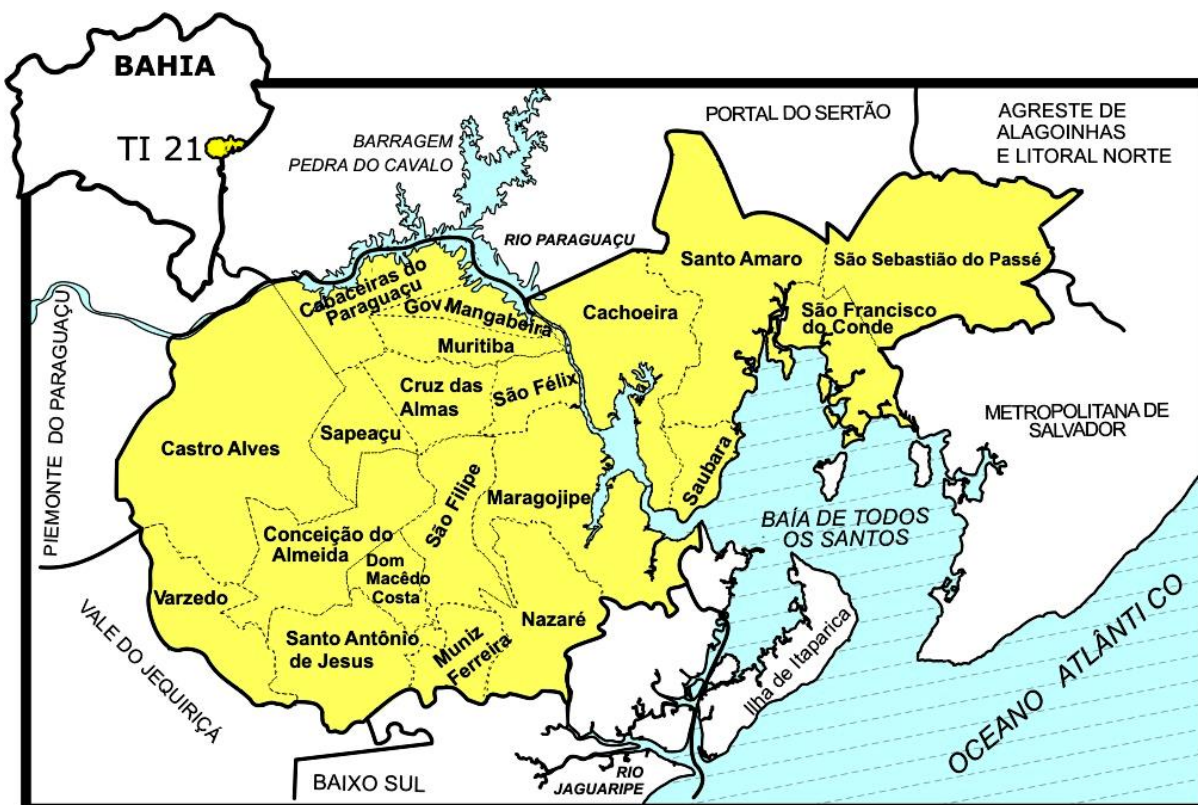
Este artigo tem como objetivo estudar o caso do artesanato produzido pela comunidade quilombola de Giral Grande, destacando seus produtos e seu papel na vida cotidiana da comunidade. Considerando-se que o reconhecimento das comunidades quilombolas a partir da Constituição de 1988 (BRASIL, 1988) abriu perspectivas de fortalecimento dos elementos tradicionais de sua cultura, o estudo destes produtos artesanais vai ao encontro da proposta de ampliação do conhecimento e divulgação desta produção cultural.

## **O RECÔNCAVO E SEU CONTEXTO SOCIOECONÔMICO**

O Recôncavo da Bahia constitui a faixa em semicírculo em torno da Baía de Todos os Santos, tratando-se de uma designação geográfica – contorno da Baía de Todos os Santos e, portanto, Recôncavo da Bahia – e também cultural, por designar um conjunto de práticas de produção, relações de trabalho, relações sociais e patrimônio etnocultural, que identificam seu povo e sua história (BRANDÃO, 2007a, p. 24).

Ao longo dos seus quase 500 anos de história, a região, habitada inicialmente por populações indígenas e posteriormente colonizada por europeus que os dizimaram e introduziram povos africanos escravizados, transitou de uma composição inicial representada pelos municípios de Abrantes, Cachoeira, Jaguaripe, Maragojipe, Salvador, São Francisco do Conde, Santo Amaro da Purificação, para a atual configuração que compõe o Território de Identidade nº 21,

composto por 20 municípios, segundo indica o mapa apresentado na Figura 01. De acordo com o que estabelece o Decreto nº 12354 de agosto de 2010 (BAHIA, 2010), o conceito de Território de Identidade leva em consideração não somente aspectos geográficos, econômicos e políticos, mas também o aspecto sócio-cultural das populações que habitam um lugar.



**FIGURA 01**

Mapa do Recôncavo da Bahia – Território de Identidade 21

FONTE: Construção própria a partir de Bahia (2010, p. 18)

A diversidade é uma característica marcante da região, tanto no que concerne a sua geografia quanto no que se refere às atividades econômicas. Essas são relacionadas ao aproveitamento de recursos naturais e tradicionalmente distribuídas entre a agroindústria do açúcar e do fumo; da produção de alimentos; de materiais de construção e produtos de olaria que aproveitam a presença de caieiras e solos argilosos; da extração da lenha, do coco e a produção do artesanato de rendas, bordados e utilidades de uso cotidiano (COSTA PINTO, 1997). Por outro lado, a diversidade cultural se apresenta em variadas expressões, tais como a arquitetura urbana e a religiosa; o patrimônio imaterial marcado pela religiosidade, músicas e danças de caráter afrobrasileira e pelas formas de comunicação oral que caracterizam os diferentes territórios onde acontecem.

Ao longo da sua história, a economia do Recôncavo da Bahia caracterizou-se pela produção agromercantil voltada para a exportação e por sua posição subsidiária à cidade do Salvador, resultando na permanência de uma feição eminentemente rural, apesar da existência de vilas, distritos e cidades ali registradas. Pedrão (2007, p. 10) aponta que as relações escravistas de produção acompanharam grande parte da história regional e mesmo após a abolição influenciaram na permanência de regimes de trabalho baseados em relações pré-capitalistas e uso do solo. A abolição dos escravos, o abandono por grande parte desses trabalhadores das propriedades rurais e a dificuldade da classe proprietária de estabelecer o trabalho assalariado levou ao distanciamento de seus centros urbanos dos processos de avanço econômico e conseqüentemente resultando em dificuldades para a sua população.

A situação de marasmo da economia regional perdurou até a metade do séc. XX quando a descoberta do petróleo na área suburbana de Salvador em 1939 levou a posterior instalação das atividades de exploração e refino de petróleo, sob a direção da Petrobrás em 1953, o que dinamizou a economia do estado no setor petrolífero. Brandão (2007b, p. 25) aponta os efeitos diretos dessas mudanças na região do Recôncavo, expressos na disputa pelo controle de mão de obra qualificada entre a companhia de petróleo e as usinas de açúcar; o clima de insegurança que se espalhou entre os proprietários locais, em vista da imprecisão quanto às formas de desapropriação de terras; a repentina alteração da demografia das localidades atingidas com a chegada de imigrantes regionais e de outros estados, a concentração nas áreas de exploração e a marginalização daquelas que não participavam.

Entre 1960 e 1979, Salvador, sua respectiva região metropolitana e algumas áreas do Recôncavo receberam a instalação de empreendimentos industriais representados pelo CIA (Centro Industrial de Aratu), pela USIBA (Usina Siderúrgica da Bahia) e pelo Pólo Petroquímico de Camaçari. Apesar dessa onda de industrialização, o Recôncavo da Bahia não se beneficiou como um todo com as mudanças introduzidas. Seus territórios tradicionais alcançaram poucas melhorias, não superando os elementos responsáveis pela desigualdade, pobreza, violência e falta de perspectivas na expansão do mercado de trabalho. Analisando essa situação, Brandão afirma que:

[...] atingindo profundamente a estrutura social das áreas impactadas, atraiu migrantes de outras regiões, elevou o custo de vida e contribuiu para desorganizar e reduzir o padrão de vida dos mais pobres. As cidades históricas de São Félix, Maragojipe, Santo Amaro, Cachoeira, Jaguaripe, bem como o circuito de casarões e templos rurais, continuaram a morrer (BRANDÃO, 2007a, p. 55).

Todavia um dos efeitos mais visíveis e recentes do distanciamento entre as áreas tradicionais e aquelas ligadas às atividades de industrialização na região pode ser visto nas mudanças ocorridas na rede de transportes. No passado as comunicações entre o litoral e o interior do Recôncavo tinham nos rios Paraguaçu, Jaguaripe e seus afluentes suas principais rotas para o transporte de pessoas e mercadorias, enquanto que as localidades do litoral eram servidas e interligadas por barcos e saveiros. Zorzo (2007, p. 90) mostra como a posterior introdução das estradas de ferro na região não alterou a importância econômica da Baía de Todos os Santos, agregando maior valor ao sistema de transporte com a atuação dos portos de Nazaré e São Roque. Mas a ampliação da malha rodoviária implantada no Estado entre as décadas de 1950 e 1970 impactou a posição do Recôncavo no contexto estadual. A ligação entre Salvador e a BR 116 através de Feira de Santana; a abertura da BR 101 e a duplicação da BR 324 foram eventos que modificaram a direção das atividades econômicas de Salvador e cidades vizinhas, que passaram a se relacionar com o resto do país por meio das novas rotas terrestres, invertendo o sentido antes direcionado para a Baía de Todos os Santos e seu Recôncavo.

Foi a questão da criação de um novo porto para a Bahia e um distrito industrial que abriu a discussão sobre a relação Capital / Recôncavo, levando a uma nova concepção da região de Salvador e eliminando a importância da Baía de Todos os Santos (BRANDÃO, 2007b, p. 26). Com essa análise Brandão relaciona os fatores econômicos vistos até aqui e sua articulação com a decadência da região que hoje compõe o Território de Identidade nº 21: Recôncavo da Bahia.

Brandão (2007a, p. 56) aponta ainda os impasses que se apresentam na atualidade para a dinamização da economia local e sua inevitável influência na vida de sua população: “a descoberta da região como destino turístico, com todas as implicações sobre a cultura, a vida social e o mercado imobiliário”, bem como a manutenção dos impactos produzidos pela Petrobras e a implantação de novos complexos de estaleiros são questões que explicam a situação complexa vivida hoje pela região.

## **ARTESANATO NO RECÔNCAVO ATUAL**

O artesanato compreende o ato de fazer e construir objetos usando principalmente as mãos, sem ou com o uso de ferramentas simples, tais como o formão, a agulha ou o estilete, realizando-se, assim, todas as etapas da produção, desde o preparo da matéria-prima até o acabamento final do produto (FRANÇA, 2005). No artesanato, cada peça artesanal tem detalhes e características únicas, conferidas pela imprecisão natural da manipulação humana diretamente nas matérias-primas e nas ferramentas usadas.

O artesanato, como parte ativa e criadora de cultura material, é “movido pela arte do saber e do fazer, influenciado pelo ambiente, pela cultura e pelas tradições locais” (POUSADA, 2005, p. 39). O produto do artesanato pode ser considerado como um representante material da cultura de um povo, expressando, além das formas e da plástica, também os sentimentos, os desejos e as necessidades dessa sociedade, ou seja, sua identidade. Portanto, os conceitos e significados presentes no produto artesanal são mais importantes do que o objeto em si.

O trabalho artesanal pode ser considerado ainda como uma prática baseada em saberes cujas explicações não são encontradas em manuais, sendo os sentidos e os sentimentos fatores usados nos processos criativos e inovativos. Essa abordagem foi exposta pela UNESCO que, em 2003, publicou a Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, a qual fundamentou as ações de preservação de bens culturais dessa natureza em todo o mundo. Esses bens culturais são reconhecidos como “práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural” (NASCIMENTO, 2012).

O Território de Identidade do Recôncavo apresenta uma das maiores expressões da diversidade cultural observadas no Estado da Bahia. Esse fato, já estudado por Costa Pinto (1997), torna-se expressivo quando se focaliza especificamente a produção artesanal local. Para a abordagem dessa questão neste estudo foram selecionados 10 municípios desta região, listados no Quadro 01, segundo critérios essencialmente geográficos e espaciais, vistos abaixo:

- Serem banhados pela Baía de Todos os Santos;
- Serem cortados pelos rios Paraguaçu, Jaguaripe e Subaé;

Nos municípios selecionados, foram mapeados os registros mais expressivos do artesanato local segundo dados do 1º Censo Cultural da Bahia (BAHIA, 2006). O Quadro 01 resume os artesanatos levantados por município.

**QUADRO 01**  
Tipos de artesanato em municípios do Recôncavo

TIPO DE ARTESANATO	MUNICÍPIO										TOTAL
	Cachoeira	Maragojipe	Muritiba	Muniz Ferreira	Nazaré	St. Amaro	St. Antonio de Jesus	São Félix	São Francisco do Conde	Saubara	
Aproveitamento de retalhos	✓	✓	✓	-	-	✓	✓	✓	-	-	6
Bordado	✓	-	✓	-	✓	✓	✓	✓	✓	-	7
Cerâmica	✓	✓	✓	-	✓	✓	-	-	✓	-	6
Cestaria / Trançados	✓	-	✓	-	✓	-	✓	-	✓	✓	6
Couro	✓	✓	✓	-	✓	-	✓	✓	-	-	6
Crochê / Tricô	✓	✓	✓	-	✓	-	✓	✓	✓	✓	8
Flores	✓	✓	✓	-	✓	✓	✓	✓	✓	✓	9
Madeira	✓	✓	✓	-	✓	✓	✓	✓	✓	-	8
Rendas	✓	-	✓	-	-	-	-	-	✓	✓	4
Bambu / coco / Dendê	-	-	-	-	-	✓	-	-	✓	✓	3
Bonecas	✓	-	✓	-	-	-	-	✓	✓	✓	5
Vidro / Pedra	✓	-	-	✓	-	✓	✓	-	✓	✓	6

**Legenda:** ✓ Existente - Inexistente

Fonte: Desenvolvido pelo autor a partir de Bahia (2006)

O quadro 01 mostra a diversidade dos tipos de artesanato realizado no Recôncavo, destacando os municípios de Cachoeira, Muritiba e São Francisco do Conde como uma referência, assim como se percebe o uso de materiais naturais, que são bastante acessíveis, como as principais matérias primas. Os dados do Censo, entretanto, não permitem identificar nem caracterizar as condições de produção nem os tipos de produtos, sendo que, no caso de Maragojipe, por exemplo, as referências indicam apenas o centro da cidade sede do município, sem esclarecer se tratar de local de venda ou de produção. Sendo o artesanato um componente do patrimônio cultural da Bahia, tanto no aspecto imaterial, por concentrar e expressar valores e tradições locais, quanto no aspecto material, por

produzir peças de variadas utilidades, ornamentação ou para lazer, o mesmo se torna também objeto de programas e projetos orientados por setores oficiais.

Por outro lado, as dificuldades e a prática irregular e seletiva dos projetos de incentivo à produção cultural do Estado da Bahia, como visto pelo recente fechamento do Instituto de Artesanato Visconde de Mauá<sup>2</sup> (BAHIA, 2015), são abordadas por Lima (2011) que aponta para o distanciamento desses projetos das áreas do interior do Estado, exemplificando o Censo Cultural de 2006, como uma realização que “não foi capaz de impulsionar as práticas culturais do governo para dinamizar os espaços culturais do interior” (LIMA, 2011). Ainda a mesma autora chama a atenção para distorções no entendimento e na prática de programas culturais do Estado, que não levam em consideração as identidades culturais da Bahia, o que resultou na concepção de uma identidade única para o Estado (LIMA, 2011)

Nessa mesma linha crítica se coloca Santos (2010) que informa sobre a redução do número de artesãos no Recôncavo a partir de dados coletados no Instituto Mauá de Cachoeira e na Casa da Cultura Américo Simas, de São Félix. Nesses municípios menos de 0,5% da população realizam atividades de artesanato, revelando uma contradição entre as informações oficiais e a realidade constatada. Repetindo o depoimento de artesãos locais, Santos (2010) denuncia que “o artesanato não é valorizado pelos moradores, que fazem este trabalho mais pelo prazer que ele proporciona e para manter viva essa tradição [...] a baixa procura pelos objetos artesanais tem contribuído para que as pessoas se interessem cada vez menos pelo ofício”.

A questão da organização do mercado constitui-se também em um fator de dificuldade para os artesãos do Recôncavo, fato reconhecido pela Secretaria Estadual do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte que, ao reconhecer a necessidade de garantia de espaços específicos para a comercialização de peças do artesanato baiano (BAHIA, 2011), levou o apoio à iniciativa do Instituto Mauá, com a parceria com o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), em criar o selo *A Bahia feita à mão*, em 2011.

---

<sup>2</sup> O Instituto Mauá foi extinto pela Lei Nº 13.204, de 11 de dezembro de 2014 (BAHIA, 2015)



## **METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO: O ESTUDO DE CASO**

A comunidade quilombola de Giral Grande foi escolhida para o estudo de caso através de contatos pessoais do pesquisador em 2009. Para conhecer seu artesanato foi realizada uma pesquisa qualitativa contendo observação não estruturada, entrevistas e levantamento fotográfico.

O estudo de caso pode ser considerado como um método de pesquisa qualitativa, na qual um contexto pode ser entendido, analisado e explicado a partir de um fenômeno nele existente. Ou seja, ao se selecionar um fenômeno para entender seu contexto, esse fenômeno denomina-se então caso. Gil (1996, p. 58) caracteriza o Estudo de Caso como “o estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento”. Gil aponta alguns critérios para a aplicação deste método, destacando entre eles a delimitação da unidade-caso, que para ele “pode ser uma pessoa, uma família, uma comunidade, ou conjunto de relações ou processos ou mesmo uma cultura” (GIL, 1996, p. 121). Yin (2001, p. 94 e 98) ,por sua vez, destaca o papel da pessoa-chave, que deve ser abordada “conforme a disponibilidade do entrevistado”. Os dados coletados a partir dessa investigação devem abranger comportamentos, atitudes e percepção individuais desse informante-chave relacionados ao seu contexto.

A observação não estruturada apresenta-se como uma técnica de pesquisa de observação que tem como objetivo a compreensão de um contexto pesquisado através da observação dos comportamentos, hábitos, atitudes, interesses, relações interpessoais e demais características do cotidiano de um grupo social. Seu uso nesta pesquisa é justificado, segundo Triviños (1987, p. 153), por poder ser usado “quando se deseja colocar em relevo a existência, a possibilidade de existência, de algum ou alguns traços específicos do fenômeno que se estuda”.

O tipo de entrevista aplicada foi a semiestruturada, uma técnica de coleta de dados subjetivos através da aplicação de questionários e/ou de conversa informal. Segundo Lüdke e André (1986, p. 34) trata-se de uma entrevista que se “desenrola a partir de um esquema básico e pré-definido”, o roteiro, que, todavia, não é aplicado rigidamente, permitindo adaptações do pesquisador. Justifica-se, quando se pretende obter dados que envolvam sentimentos, valores, conhecimentos, saberes, fatos e opiniões. O roteiro foi elaborado com os itens abaixo no Quadro 02, aplicados entre os anos de 2009 e 2012.

**QUADRO 02**  
Itens do roteiro de entrevistas

<b>Nº Item</b>	<b>Descrição</b>
1.	Motivo do artesão a trabalhar com o artesanato escolhido
2.	Ancestralidade do artesanato e formas de transmissão do saber
3.	Condições de seleção e aquisição da matéria prima
4.	Como a artesão descreve o seu processo produtivo
5.	Como a comunidade percebe e compreende o trabalho artesanal escolhido

Fonte: produzido pelo autor

O roteiro ficou sob o controle do pesquisador e não foi apresentado aos entrevistados. A conversa foi então anotada ou gravada para posterior compilação ou transcrição. A escolha dos entrevistados foi definida a partir do reconhecimento de uma representatividade dentro do contexto da comunidade. Essa escolha parte do conhecimento prévio do pesquisador quanto aos possíveis entrevistados, feito a partir de contatos preliminares sem uma metodologia específica para tal.

### **A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE GIRAL GRANDE**

A existência de quilombos na região de Maragogipe é registrada desde 1713 (PEDREIRA, 1973, pp. 87 e 88), numa área que abrangia também os atuais municípios de Cachoeira, Muritiba e São Bartolomeu. Seus habitantes, escravos fugidos das fazendas e engenhos de cana-de-açúcar próximos, eram, inicialmente, andarilhos que, frequentemente, se fixavam em locais de difícil acesso, como forma de autoproteção, formando as primeiras comunidades de quilombos da região. O sucesso das várias tentativas de destruir esses grupos e capturar os escravos fugidos, neles refugiados, pode ser considerado mínimo. Esses antigos quilombos são provavelmente os antepassados das comunidades quilombolas da região de Maragogipe, incluindo a comunidade hoje denominada Giral Grande.

A Comunidade Quilombola de Giral Grande pertence ao município de Maragogipe, localizado no Recôncavo da Bahia, a 133 quilômetros de Salvador. É formada pela família Calheiros, uma família extensa, que é composta por mais de 30 pessoas, com idades variando da primeira infância aos idosos. Faz parte de um complexo de dez comunidades quilombolas, totalizando 550 famílias, assim denominadas: Guaruçú, Guerém, Tabatinga, Giral Grande, Baixão do Guaí, Salamina, Enseadinha, Quizanga, Porto da Pedra e Fazenda Dendê. Elas são organizadas principalmente por grau de parentesco, com seus membros morando

próximos, em pequenas vilas, sem muita distância uma da outra. Giral Grande é cercada por vegetação litorânea, com a presença de manguezais.

De acordo com o depoimento dos membros da comunidade,<sup>3</sup> esta foi formada a partir da união de escravos fugidos das fazendas de cana da região e descendentes de índios que habitavam o local. Ocuparam, então, um antigo engenho de cana-de-açúcar, o qual é atualmente denominado pelos quilombolas de *Fazenda dos Guedes*. O nome do local como *Giral Grande* é conhecido desde a ocupação desse engenho pelos ancestrais da comunidade. Segundo esse mesmo depoimento, o substantivo “giral”, que é corruptela do termo jirau, definido como uma armação de madeira sobre a qual se constroem as casas (Dicionário Online de Português, 2015), significa para a comunidade um posto de observação, colocado em um lugar alto, o que facilitava a tarefa de vigiar os capitães do mato, milícias policiais comuns na época dos quilombos, destinadas à fiscalização e à captura de escravos fugidos. Portanto, o nome Giral Grande foi associado, pelos seus antigos habitantes, a um posto alto de vigilância, refúgio e resistência.

Os membros de Giral Grande sobrevivem das atividades de subsistência. Cultivam legumes e raízes; coletam mariscos nos mangues e no estuário do rio Paraguaçu, dentre outras atividades para o consumo próprio. Já o mel e a farinha de mandioca produzidos no local, de forma artesanal, além de atenderem o consumo interno, também são vendidos nas feiras de Maragojipe, o que gera uma renda importante para sua manutenção.

## **O ARTESANATO EM RETALHOS DE GIRAL GRANDE**

O artesanato de retalhos para a confecção de roupas, acessórios, enxovais de cama e conserto de roupas usadas é uma atividade que envolve poucas pessoas, se comparada às demais atividades comunitárias locais. O processo que orienta a produção dessas peças envolve uma artesã principal, eventualmente outros membros da comunidade, para os casos de maior volume ou complexidade do trabalho e, finalmente, jovens da família que já expressam interesse no aprendizado da atividade. A artesã Tânia Calheiros, figura 02, identificada, então, como sendo a

---

<sup>3</sup> Depoimento de representantes da família Calheiros, durante entrevista do pesquisador, em Giral Grande, Maragojipe, Bahia, em 13/03/2010.

artesã principal, é quem concentra em si tanto a iniciativa do processo, quanto a maior parte do conhecimento técnico deste artesanato.



**FIGURA 02**

A artesã Tânia Calheiros durante a aquisição de retalhos em uma feira livre de Maragojipe.

Fonte: fotografia do autor

O artesanato de Giral Grande é um processo de aproveitamento de sobras de tecidos, adquiridos nas feiras locais a baixo custo e transformando estes retalhos em produtos para o uso no cotidiano, na forma de vestuário, acessórios, bolsas, mochilas infantis e enxovais de cama. São fabricados com retalhos de tecidos e malhas, que são costurados uns aos outros, usando costura a máquina e/ou manual. Esta atividade, como um componente do universo cultural da comunidade, expressa aspectos do seu patrimônio, tais como a estética e a percepção da beleza, assim como se constitui em fator de subsistência, em vista do papel que ocupa na reunião dos recursos econômicos de Giral Grande.

Tânia Calheiros exerce a prática da costura como subsistência no cotidiano da comunidade, embora outras pessoas também tenham tal conhecimento, exercendo-o de forma eventual, apesar de não ser com a mesma intensidade da artesã. Essa ajuda é reconhecida pelos outros membros da comunidade de Giral Grande como uma mão-de-obra auxiliar em potencial, podendo ser requisitada em qualquer necessidade, o que vem ao encontro do conceito de trabalho coletivo, uma das características das comunidades quilombolas, conforme visto anteriormente.

A diversidade de produtos artesanais de retalhos está classificada em cinco grupos, identificados pela artesã como os tipos mais produzidos, vistos na figura 3, e explicados abaixo, no quadro 03.

### QUADRO 03

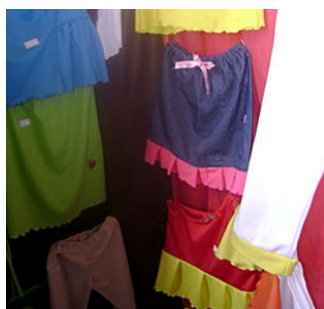
Diversidade dos produtos do artesanato de retalhos de Giral Grande

TIPO	DESCRIÇÃO
<b>Enxoval de cama</b>	Peças construídas com pedaços retangulares e/ou triangulares, frente simples ou com frente e verso. São colchas de cama, lençóis, fronhas e edredons
<b>Roupas</b>	Se expressa através da confecção de peças novas ou da customização de peças trazidas pelos clientes, atendendo a todas as faixas etárias, tanto para o público feminino quanto para o masculino.
<b>Acessórios</b>	Com formatos variados, para uso adulto ou infantil. Os acessórios vão desde bolsas e mochilas escolares, até prendedores de cabelo feitos de retalho e fuxico.
<b>Pelego</b>	Uma colcha colorida feita com tiras das sobras dos retalhos, usada para diversos fins, tais como cobertura de cadeiras, poltronas, assentos de carro e assentos de cela para vaqueiros da região.
<b>Fuxico</b>	É uma técnica artesanal de confecção de trouxinhas, feitas com sobras dos retalhos, podendo ser aplicadas a roupas, bolsas, colchas, almofadas etc.

Fonte: produzido pelo autor a partir da pesquisa de campo



PELEGO



ROUPAS



ROUPAS INFANTIS



BOLSA



BOLSA



BOLSA



MOCHILA ESCOLAR



FUXICO



COLCHA DE CAMA

FIGURA 03

A diversidade de produtos artesanais de retalhos de Giral Grande

Fonte: Fotografias do Autor

Esses produtos concentram em si elementos derivados da cultura local que podem ser identificados a partir de alguns significados apontados pelos membros de Giral Grande: o crochê, cuja complexidade imprime aos produtos significados de beleza e refinamento; o taco como sinônimo de retalho, que se constitui a base deste artesanato; a resistência estrutural exigida aos produtos para que sejam duradouros, face às dificuldades para sua reposição e, finalmente, a escolha e aplicação de cores fortes e vibrantes nos produtos confeccionados.

Tal diversificação é fruto tanto da variedade da matéria-prima, em cores, texturas e desenhos, quanto da criatividade da artesã. Essa criatividade, produto de sua sintonia com a cultura da comunidade local, resulta na geração de produtos artesanais que coincidem com necessidades e desejos dos seus consumidores e, por sua vez, se expressam na forma de valores utilitários, estéticos e identitários, presentes no próprio patrimônio cultural local. Como valor identitário, além do senso estético na escolha das cores, ressalta o significado de ser afrodescendente, presente nos comportamentos cotidianos, se expressando através do vestuário, dos acessórios, dos penteados e a referência aos laços de identidade da comunidade com o território, como elemento de coesão e identificação do grupo, permitindo que se identifiquem e sejam identificados.

Seus clientes são os próprios parentes de Giral Grande, os moradores das comunidades vizinhas e também várias pessoas de Maragojipe e dos municípios próximos. Seu principal diferencial, atribuído por eles, é a beleza da combinação das cores e a diversidade de produtos, uma característica que, segundo a artesã, além de agradar é também celebrada pelos seus clientes. Conforme relato da artesã, eles elogiam sempre a qualidade dos seus produtos: “todo mundo gosta do meu gosto, as pessoas dizem: como você faz fica lindo, ou dizem ainda que pode fazer como

você achar melhor, pois confiamos no seu gosto”.<sup>4</sup> Esse é um atributo considerado pela artesã como algo nato, mas os valores de beleza são compartilhados por todos os membros da comunidade e também por outras pessoas.

A comprovação da sintonia entre a visão estética da artesã com a visão estética da comunidade reside não só no fato do seu pertencimento àquela comunidade, mas também pelas afirmações contidas em depoimentos colhidos junto aos outros membros do grupo que, mesmo não participando do processo de produção, admiram, aceitam e consomem os produtos oferecidos pela artesã. Para corroborar seu relato, foram feitas entrevistas com outros componentes da comunidade de Giral Grande, constituídos por seus parentes afastados e vizinhos, não estando aí incluídos membros da sua própria família nuclear (pais, irmãos e sobrinhos em primeiro grau), conforme anotado em diário de campo.

Foram entrevistados seis membros da comunidade, a saber: homens e mulheres, na faixa de idade entre dezesseis e cinquenta anos, que opinaram sobre o artesanato de retalhos. Essas entrevistas mostraram como resultado, que há uma interação entre a artesã e seus clientes na hora de definir os detalhes das roupas e demais produtos a serem feitos. Na maioria das vezes, os clientes definem o tipo, cores, estilo ou mudanças, marcando bem a subjetividade e o gosto pessoal. Outras vezes, a própria artesã sugere e define o produto, principalmente quando o cliente sente dificuldade de fazê-lo. E algumas vezes, há um consenso definido em conversa preliminar ou ainda há modificações posteriores no produto, seguindo o gosto da artesã. Os depoimentos dos entrevistados deixam claro esse processo:

Ela só costura do jeito que a gente gosta, então eu gosto do trabalho dela [...] ela faz o modelo que a gente quer e a qualidade também que agente quer” (Dona Ilma, dona de casa); “Do jeito que a gente pede, ela faz [...] a gente escolhe um modelo ou ela sugere um modelo, algumas vezes ela faz ou conserta.” (Naiara, estudante); “Ela sugere o modelo pra gente, eu dou minha opinião e da minha opinião ela já começa a transformar os detalhes.”<sup>5</sup>

A identificação desse gosto se expressa, por exemplo, na preferência por cores fortes e vibrantes, usadas naturalmente no cotidiano dos membros da comunidade, tanto nas roupas, quanto nos enxovais, nos acessórios e demais produtos artesanais. Segundo a artesã, “as cores vermelha e azul chamam a atenção. [...]

---

<sup>4</sup> Depoimento Tânia Calheiros, 13/03/2010.

<sup>5</sup> Depoimento de outros membros da Comunidade Quilombola de Giral Grande, 26/02/2011

Com essas cores, tem-se a visão do produto bonito. Com cores apagadas não fica bonito.”<sup>6</sup> O depoimento de outros membros da comunidade confirma a preferência por cores vibrantes e fortes como parte marcante do gosto da comunidade: “nós usamos o vermelho, o verde cana, o amarelo, o rosa, qualquer tipo de cor, nós assumimos o que nós somos.”<sup>7</sup>

Todo mundo gosta do meu gosto, eles falam assim: ‘ah! tá lindo!, tá bom!, tá bonito!’ e acabei descobrindo que eles gostam do que eu gosto. [...] As pessoas acham que eu tenho uma visão de beleza e eu sou uma pessoa que gosta de coisas bonitas, sou vaidosa [...] O sentimento de beleza que eu tenho eu passo para as roupas, para o edredom, para o pelego.<sup>8</sup>

A consciência da beleza plástica do artesanato de retalhos, fruto da criatividade da artesã, aprovada e elogiada pelos seus clientes, quilombolas ou não, representa o gosto compartilhado pelos membros da comunidade. A artesã, fortalecida pela sintonia com seus clientes, entende que suas peças artesanais expressam a maneira de ser e de ter a afeição de seus companheiros de Giral Grande.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O artesanato do Recôncavo é diverso e antigo. Envolve muitas comunidades tradicionais, dentre as quais as quilombolas, que são peça imprescindível neste mosaico cultural. A comunidade de Giral Grande é mais uma comunidade quilombola das muitas que lutam por uma vida melhor, apesar de a Constituição Federal de 1988 garantir a todas as comunidades quilombolas o reconhecimento e a posse das terras que ocupam. E neste esforço, o artesanato de retalhos ocupa um papel relevante, tanto como um reforço na economia local como uma expressão da sua cultura.

Este artesanato, o de retalhos, é considerado pela Comunidade Quilombola de Giral Grande como uma das expressões do espírito de luta pela sobrevivência e pela inventividade de uma comunidade frente a problemas gerados pelos poucos recursos financeiros. Este reflete não somente o auto-reconhecimento da identidade

---

<sup>6</sup> Depoimento concedido por representantes da família Calheiros em 26/02/2011

<sup>7</sup> Depoimento concedido por representantes da família Calheiros em 20/02/2009

<sup>8</sup> Depoimento Tânia Calheiros, 13/03/2010.



dos seus membros como quilombolas, mas também se constitui como um fator de identificação dos mesmos diante das demais pessoas fora da comunidade.

## REFERÊNCIAS

BAHIA. **1º Censo Cultural da Bahia**. Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. 2006. CD Rom

BAHIA. **Boletim Informativo nº 24**. Instituto de Artesanato Visconde de Mauá. SETRE. 2011

BAHIA. **Estatística dos municípios baianos**. Salvador. SEI, 2010. v. 13; 382p

BAHIA. Governo do Estado. **Derba, Sucab e Instituto Mauá terão atividades extintas na segunda-feira**. Portal do Servidor da Bahia. 2015 Disponível em <http://www.portaldoservidor.ba.gov.br/noticias/vida-funcional/derba-sucab-e-instituto-maua-terao-atividades-extintas-na-segunda-feira-2-0> Acessado em julho de 2015.

BRANDÃO, Maria de Azevedo. Os vários Recôncavos e seus riscos. Salvador. UNIFACS. **Revista do Centro de Artes Humanidades e letras**. Vol 1. 2007a.

BRANDÃO, Maria de Azevedo. Planejar qualidade: em favor dos sistemas urbano-regionais. In GODINHO, Luis Flávio R. SANTOS, Fábio José dos. Org. **Amargosa. Recôncavo da Bahia. Educação, cultura e sociedade**. Bahia: Editora CIAN, 2007b.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em <http://www.alep.pr.gov.br/system/files/corpo/Con1988br.pdf> . Acessado em junho de 2015

COSTA PINTO, L. A. **Recôncavo: Laboratório de uma experiência humana**. Salvador. Ed. Costa Pinto. 1997.

Dicionário Online de Português. **Significado de Jirau**. 2015. Disponível em <http://www.dicio.com.br/jirau/> Acessado em julho de 2015.

FRANÇA, Rosa Alice. Design e artesanato. Uma proposta social. **Revista Design em Foco**, Ano/vol 2, n 002. UNEB. Salvador, 2005 Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/661/66120202.pdf> Acessado em abril de 2012

GIL. Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo, Atlas. 1996

LIMA, Hanayana B. G. Fontes. Políticas Culturais na Bahia: panorama histórico. In: **Seminário Internacional de Políticas Culturais**, 2011, Rio de Janeiro. Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. Disponível em <http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbossa/files/2011/11/Hanayana-Brand%C3%A3o-Guimar%C3%A3es-Fontes-Lima.pdf> Acessado em Março de 2013.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU. 1986

NASCIMENTO, Luísa Mahin Araújo Lima do. Saberes e fazeres na construção social da maestria: um estudo dos mestres ceramistas da Bahia. **Revistainter-legere**. Número 10. Natal. 2012 Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/10/pdf/10es04.pdf> Acessado em julho de 2015.

PEDRÃO, Fernando. Novos e velhos elementos da formação social do Recôncavo da Bahia de Todos os Santos. **Revista do Centro de Artes Humanidades e letras**. Salvador. UNIFACS. Vol 1. 2007.

PEDREIRA, Pedro Tomás. **Os quilombos Brasileiros**. Salvador: SMEC, 1973

POUSADA, Carmen. O Brasil dos Artesãos. in LEAL, Joice J. (org.) **Um Olhar sobre o design brasileiro**. São Paulo: Ed. Objeto Brasil e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005

QUEIROZ, Danielle Teixeira. **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. Revista Enfermagem. UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83. Disponível em <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf> Acessado em julho de 2015.

SANTOS, Valdelice. Reduz número de artesãs no recôncavo. Literando com o Recôncavo. 2010. Disponível em <http://valdelicesantos.blogspot.com.br/2010/05/reduz-numero-de-artesas-no-reconcavo.html>. Acessado em fevereiro de 2013.

TRIVIÑOS. Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. A Pesquisa Qualitativa em Educação. São Paulo. Atlas. 1987

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. MISC/2003/CLT/CH/14. Tradução do Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006. Paris, 2003.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZORZO, Francisco Antonio. **Ferrovia e rede urbana na Bahia: doze cidades conectadas pela ferrovia no sul do Recôncavo e Sudoeste baiano**. Feira de Santana: UEFS. 2001. Tese.